



EXPERIMENTAÇÕES E DESAFIOS DOCENTES A PARTIR DO PIBID

Autores: João Paulo Buchholz^{1*}

Otávio Klein Travi^{2*}

Orientador: Fernando Seffner³

Docência e formação de professores

Introdução

Somos bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) História - UFRGS há quatro anos e desde 2016 trabalhamos juntos na Escola Técnica Estadual Irmão Pedro, bairro Floresta, Porto Alegre. Este trabalho é um relato de alguns desafios que surgem a qualquer docente em formação; reflexões sobre como percebemos a escola, as aulas, as culturas juvenis, os alunos e, especialmente: nossa postura docente. Mais especificamente, queremos discutir como podemos criar espaços para os alunos manifestarem-se autoralmente em sala de aula, e a partir disso, pensar em como lidamos com a difícil tarefa de *escutar* falas que, de alguma forma, nos desagradam. Nossos principais aportes teóricos são Rubem Alves (2015), no que refere-se a questões sobre o escutar, e Elenilton Neukamp (2013), no que refere-se a criar possibilidades de diferentes tipos de manifestações.

Objetivos

Nosso objetivo é propor uma discussão sobre questões que consideramos desafiadoras em nossa profissão. Por exemplo: como proporcionar um espaço aberto ao que os alunos tem a dizer em sala de aula, para que possam manifestar opiniões autorais, inspiradas em contextos que transbordam a sala de aula? E outro desafio é: quando conseguimos criar esse lugar de fala, como lidamos com as falas que nos desagradam, com falas que são preconceituosas ou, com falas que simplesmente escapam da nossa *expertise*?

Referencial teórico

Em *O Mestre Ignorante* (2002), Jacques Ranciere critica a postura de *mestre explicador*, aquela em que o professor explica longamente os conteúdos e cobra que os alunos respondam não muito mais do que aquilo que ele mesmo havia dito (p. 21).

Por conta disso, deixamos de nos preocupar tanto com o nosso discurso e passamos a nos preocupar em como os alunos experienciam (ou experimentam) a educação. Fernando Seffner (2013) afirma que, em geral, os alunos podem esquecer os conteúdos estudados, mas lembram da postura do professor e da estrutura de suas atividades, se ele organizava a turma em grupos, fazia votações, se ele era severo, se ironizava as perguntas ingênuas, se ouvia as

¹ Licenciando em História, bolsista do PIBID História UFRGS. joao.buchholz@gmail.com

² Licenciando em História, bolsista do PIBID História UFRGS. travi.otavio@gmail.com

³ Doutor. Departamento de Ensino e Currículo, FAGED/ UFRGS. fernandoseffner@gmail.com



dúvidas dos alunos com paciência (p. 41). Inclusive, isso pode ajudar a lembrar dos conteúdos.

Mas, ao estimularmos um ambiente em que os alunos se manifestem de maneira autêntica e autoral, podemos nos deparar com situações totalmente inesperadas, e até desconfortáveis. De acordo com Rubem Alves, em *Educação dos Sentidos*, o *ouvir* é umas das ações mais difíceis para os seres humanos, pois, como lidamos com as falas que nos desagradam? Na posição de professor é muito fácil fazer uma fala impositiva corrigindo o aluno. Porém, de que isso serve? Nos parece que serve apenas para silenciar o aluno.

Rubem Alves, em *Conversas com quem gosta de ensinar* (2015), inspira-se nos zen budistas para afirmar que o melhor mestre é o que faz as melhores perguntas, por isso, temos optado por sempre sermos questionadores, tanto com as falas que apreciamos, quanto com as falas que não apreciamos. Isso permite ver até onde vai o discurso dos alunos. Quando a fala é preconceituosa, em geral, o discurso não vai muito longe, de maneira que até o aluno que o manifestou pode passar a questioná-lo.

Metodologia

Em 2017, uma das atividades que propusemos a seis turmas de primeiro ano do Ensino Médio girava em torno do tema “povos indígenas no Brasil”. Mais do que discursar sobre o assunto (“explicar”, de acordo com RANCIERE (2002)), por mais interessante e socialmente relevante que seja para nós, tínhamos de maneira muito clara a ideia de querer saber o que as turmas pensavam sobre o assunto, se conheciam índios, se achavam que povos indígenas ainda existiam, como vivem, etc. Para tal propósito, levamos às salas de aula uma série de materiais de que dispúnhamos e que poderiam chamar a atenção, provocar algo nos pequenos grupos em que dividimos as turmas. Os materiais consistem em um livro didático produzido em mbya-guarani e utilizado em escolas indígenas do RS; trechos do texto “10 mentiras que contam sobre povos indígenas”; um livro didático de algumas décadas atrás, ainda utilizado em escolas regulares gaúchas, sobre “Índios do Brasil”; um livro de fotografias produzido por um professor mbya-guarani e um fotógrafo *jurua* (não-indígena), com imagens atuais de diversas aldeias mbya desde o estado de São Paulo até a Argentina; e um material mais acadêmico intitulado “Presença Indígena na Cidade”, publicado pela Prefeitura de Porto Alegre.

Propusemos que primeiro conversassem em pequenos grupos sobre o material que havia sido recebido para que, no momento seguinte, apresentassem para o grande grupo o que haviam visto/lido e pensado sobre o assunto.

Análise de Dados

Destacamos as reações ao livro de fotografias, que gerou muitas surpresas entre os jovens. Muitos estudantes demonstraram surpresa em saber que ainda existem índios que assim se reconhecem hoje em dia; questionaram sobre essa identidade, queriam saber como podem ser índios se absorvem tantas coisas do modo de vida urbano; passando os olhos pelo livro de fotos, um aluno exclamou: “até dentro de casa eles usam roupas!”, o que suscitou um



interessante debate sobre cultura e tradições considerando-se o fator tempo, com permanências e transformações das culturas. Não podemos deixar de mencionar que, em uma situação específica de um grupo, constatamos uma apatia de quase todos os membros, que na hora de expor o material recebido não colocaram suas dúvidas e observações, mas o leram e disseram o que achavam que nós gostaríamos de ouvir sobre diversidade, respeito, etc., sem que isso signifique que pensem assim, o que nos parece óbvio. Como demonstramos certo desinteresse por aqueles comentários-repetições, alguns membros do grupo, ao longo do debate com a turma, se dispuseram a participar de maneira um pouco mais autoral. Por outro lado, no fim de uma das aulas, um jovem veio até nós para perguntar se poderíamos trazer mais fotos ou levá-los para conhecer uma aldeia indígena.

Resultados Obtidos

Essa e outras atividades propostas nos permitiram refletir mais sobre ideias que nos parecem muito caras para pensar o papel e a postura docente: são estas a necessidade de ouvir aos/às estudantes, pensar sobre suas dúvidas, deixar com que a turma explore materiais e problemas e proponha questões ou formas de apresentá-los para um grupo maior e diverso, como são as turmas de ensino médio. Essas estratégias, como já comentamos, abrem espaço para o que é imprevisível para professores (a apatia é um exemplo), assumindo que ao abrir espaço para vozes de jovens podemos nos ver diante de visões de mundo e opiniões (muito) diferentes das nossas. Pensamos que, mais do que tentar modificar essas perspectivas com um ou dois períodos de aula, o papel docente deve girar em torno de provocações e questionamentos feitos às turmas para que, muito além de apenas absorver um discurso considerado “correto”, esses jovens pensem por si mesmos sobre o mundo que se apresenta para eles.

A partir dessa dinâmica que propusemos, e aproveitando uma grande dose de liberdade, que nos foi proporcionada pelas nossas coordenadoras e supervisores do Projeto, acreditamos que conseguimos tornar a sala de aula um espaço mais democrático - não, como nos lembra Eleninton Neukamp, no sentido de “fazer votações para tudo”, pois isso apenas não significa democracia. Para o autor, em quem nos inspiramos, democratizar um espaço significa ouvir as diferentes formas de manifestação que podem surgir. Na escola, pensamos nós, cabe aos professores e professoras tentar proporcionar esse tipo de espaço e dinâmica, com o objetivo de perceber a diversidade e as várias formas de se ver o mundo que habitam uma sala de aula.

Referências

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante** - cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NEUKAMP, E. **A caixa de perguntas**, desafio vivo em sala de aula. Porto Alegre: Libretos, 2013.



ALVES, R. **Conversas com quem gosta de Ensinar**. Campinas: Papirus, 2015.

SEFFNER, F. Aprender e ensinar história: como jogar com isso. In: MULLET, N. (org). **Jogos e Ensino de História**. Editora Evangraf LTDA. Porto Alegre, 2013.

Palavras chave: Postura Docente. Formação Docente.